

em formação. Reconhecendo-me como *docentediscente* vivendo a experiência dos processos formativos continuamente e ininterruptamente me permito me apaixonar pelo que me inquieta e instiga: os currículos.

A pesquisa é mobilizada por questionamentos que há alguns anos atravessam minha relação com currículo enquanto campo de estudo e minhas experiências enquanto professora em formação. As inquietudes que me trazem ao estudo sobre formação docente e currículos começam na suposta ideia de conforto que, aparentemente, existe ao pensar currículo como uma estrutura que prevê o que se *deve* ensinar e, portanto, o que se *deve* aprender, ao longo de toda experiência escolar. Esta perspectiva limitante pode ser percebida, por exemplo, nesta resposta que encontrei ao escrever “currículo escolar” em um site de busca rápida na internet:

O currículo escolar funciona como um guia de todo o processo educacional, pois ele determina o caminho que os alunos vão percorrer na escola. Nele, estão organizados os conteúdos que serão estudados, bem como as atividades e competências a serem desenvolvidas. (BESSA, 2021)

A resposta em destaque se assemelha a muitas outras que aparecem como resultado de busca na internet e que apresentam currículo como roteiro norteador, reduzindo-o à ideia de algo permanente e inflexível. Lógica que se reforça na compreensão normativa de currículo que fundamenta a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), apresentada como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017. p.7). Dentre os aspectos que poderia problematizar neste fragmento da apresentação do documento, me chama atenção o trecho que diz “aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver” (BRASIL, 2017.p.13). A concepção generalizante e homogeneizante revelada neste trecho me provoca o questionamento: O que torna determinados conhecimentos mais relevantes do que outros?

A ideia de currículo neutro assenta numa concepção de conhecimento que valoriza claramente certas formas de conhecer em detrimento de outras – há apenas uma forma certa de conhecer, produzida histórica e culturalmente por uma estrutura herdada do colonialismo do passado. (MOREIRA; ANUNCIATO; VIANA, 2020, p.152)

As autoras Moreira, Anunciato e Viana (2020) discutem o predomínio desta concepção colonialista e ajudam a perceber que esta perspectiva de currículo ignora as diversas formas de conhecimento e corrobora com uma cultura de hierarquização dos saberes, reforçando “a supressão das formas de conhecimento nos currículos e nas salas de aula das comunidades e famílias das crianças e dos jovens pertencentes a grupos minoritários menos poderosos”. (MOREIRA; ANUNCIATO; VIANA, 2020, p.152). Então, como numa sociedade tão diversa, com múltiplos conhecimentos e culturas, é possível estabelecer o conhecimento que todos devem desenvolver? A quais interesses esta lógica de supressão de saberes está a serviço?

Essa hierarquia de saberes e conhecimentos na sociedade, trazida para a escola, resulta, muito frequentemente, na exclusão de determinados grupos sociais,

habitualmente dos saberes e das experiências de minorias étnicas, rurais, com necessidades educativas especiais, de determinada orientação sexual ou religiosa. (MOREIRA; ANUNCIATO; VIANA, 2020, p.152).

É possível compreender, a partir das palavras de Moreira, Anunciato e Viana (2020), que a reprodução desta lógica de hierarquização dos saberes na escola pode acabar por reforçar a exclusão de determinados grupos sociais, de modo especial as minorias. Construo este estudo a partir da problematização desta percepção de currículo excludente e homogeneizante, que tende a reforçar uma cultura em que existem conhecimentos que se sobrepõem a outros e o aprendizado só é reconhecido e validado, quando de acordo com padrões normatizados de aferição e avaliação. Interessada nos saberes e experiências destes grupos, definidos como minoritários, trago para o lócus da pesquisa os estudantes com deficiência e as professoras de apoio educacional especializado.

Os encontros, reencontros e desencontros desta viagem em curso tem me ajudado a pensar os movimentos curriculares contrários a esta lógica excludente e hierarquizante dos saberes e conhecimentos que já acontecem em nossas práticas cotidianas, partindo da perspectiva de currículos, como processos de produção de conhecimento (GARCIA, 2015) que se dão nas interações culturais. Esses movimentos têm aparecido nas conversas entre professoras e darão corpus ao que pretendo dar a ver ao pesquisar e defender os currículos produzidos por professoras e estudantes com deficiência, com a mediação das famílias.

Palavras-chave: Produção Curricular, Pandemia, Educação Inclusiva

Referências

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP e Alii, 2008.

BESSA, Leticia. 2021. **Veja o que levar em conta na organização de um currículo escolar**. IMAGINIE EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://educacao.imagine.com.br/curriculo-escolar/#:~:text=O%20curr%C3%ADculo%20escolar>. Acesso em 7 jun. 2022.

BRASIL.2017. Base Nacional Comum Curricular BNCC Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 07/04/2022

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Alexandra. **O ENCONTRO NOS PROCESSOS FORMATIVOS: QUESTÕES PARA PENSAR A PESQUISA E A FORMAÇÃO DOCENTE COM AS ESCOLAS.** 37^a Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt13-4497.pdf> Acesso em: 07 jun 2022

MOREIRA, M. A.; ANUNCIATO, R. M. M.; VIANA, M. A. P. **Qualidade da/na educação: narrativas de professoras sobre o trabalho docente.** Em aberto, Brasília, v33, n.109, p.149-164, set./dez. 2020. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4526/3866>. Acesso em 25 abr. 2022.